

HISTÓRIA DAS FARMACINHAS DO LITORAL NORTE DO RS: ESPELHO DAS LUTAS DO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS.



A impressão deste material contou com o apoio da S.H.A.R.E Agriculture Foundation/Canadá

INTRODUÇÃO

“

Dentro da psique de muitas mulheres existe algo que entende intuitivamente que o conceito de “curar” está incluído na palavra “saúde” ”

Foi no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, a partir do final dos anos 1980, que algumas mulheres, lideranças na região, começaram a puxar atividades que dariam origem às farmacinhas.

Em comum, havia o fato de que toda essa mobilização iniciava em comunidades onde já havia algum tipo de organização, como os Clubes de Mães, ou relação com o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais.





Também havia, nesse mesmo tempo, alguns jovens que, incentivados pelas pastorais da Igreja Católica, desejavam um futuro diferente daquele que vinha sendo desenhado pelos pais agricultores, cada vez mais dependentes do cultivo de banana com agrotóxico. Talvez por intuição, talvez por perceber que esses produtos não serviam à vida, as mulheres foram as primeiras a apoiar os jovens que queriam ser agricultores (as) ecologistas.

Com esses atores e essas ideias, estava em marcha um movimento, nos seus primeiros e incertos passos. Entre as mulheres, esse movimento foi aglutinado pelas farmacinhas. Por meio da formação das farmacinhas que muitas se libertaram, saíram de casa, falaram de ervas, de cura, bem-estar, agroecologia e melhoraram a saúde nas famílias.



Olhando para passado, percebe-se que tudo isso impactou não somente as mulheres e suas famílias, mas toda a região. À medida em que capilarizaram os ideais do movimento agroecológico que hoje destaca o Litoral Norte, cada bruxinha mostrou que a magia da vida e da saúde pode e deve ser para todas e todos.

¹ Estes, Clarissa Pinkola
Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem/de Clarissa Pinkola Estes; Rio de Janeiro: Rocco, 1994. (Arcos do Tempo)

Grupo Filhas da Terra

comunidade de Morro Azul - município de Três Cachoeiras

O Filhas da Terra foi fundado em maio de 1995, mas sua história mostra que as primeiras integrantes, mesmo sem saber, se prepararam durante quase 20 anos para organizar o grupo que inspiraria tantos outros na região.

Desde a metade dos anos 1970, até a década de 1980, por meio da Pastoral Rural da Igreja Católica e do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR, atual Movimento de Mulheres Camponesas – MMC), lutavam por terra e direitos previdenciários. Paralelamente, trabalhavam três dias por semana no Centro Regional de Formação Pastoral em Dom Pedro de Alcântara com plantas medicinais, alimentação saudável,

terapias com barro e massagem.

Um fato memorável nessa trajetória foi em 1986, quando foram à Porto Alegre para manifestações pelos direitos das mulheres, trabalhadoras e trabalhadores rurais. Era um tempo de abertura política e articulação da nova Constituição Federal (que seria em 1988) e foram necessários sete ônibus para acomodar as agricultoras mobilizadas.

Com toda essa bagagem política e a visão de que agrotóxicos, medicamentos químicos e alimentação não saudável fazem parte do mesmo pacote, Marta Becker, Ilda Maggi Boff, Elci da Paz (hoje da Paz Scheffer), Reinalda Fritzen



e Rosimere Becker organizaram a farmacinha.

A falta de um teto não as impedia de trabalhar: preparavam as receitas em casa. Depois, com a ideia de ser uma farmacinha regional, com projeto da organização Cáritas, da Igreja Católica, buscaram - Rosimere e Elci -, em Porto Alegre, o certificado para o grupo que então se chamava Mil em Ramas. Compraram os materiais e, depois de um mutirão de limpeza, começaram a trabalhar na casa paroquial, onde todas as quartas-feiras, o dia todo, atendiam as pessoas das comunidades com massagem, barro, chás e elixires.

Ainda hoje o grupo continua se reunindo no mesmo dia da semana para reuniões, divisão de tarefas e preparo dos elixires dos medicamentos. Se organizaram de

forma que, a cada mês, duas integrantes ficam responsáveis por todo o trabalho. Na primeira quarta-feira do mês, fazem reunião com o grupo todo. Os temas são amplos, honram o passado e miram um futuro sem violência, sem agrotóxicos, com direitos preservados, sementes crioulas, alimentação, ambiente e água saudáveis.

Para isso, se articulam com outras organizações, associações, grupos, instituições governamentais e não governamentais, como a Rede Ecovida de Agroecologia, Associação dos Colonos da Região de Torres (Acert), Movimento de Mulheres Camponesas, Conselhos de Saúde, Agricultura e Meio Ambiente do município, paróquia, Pastoral da Terra, Comunidades Eclesiais de Base (Cebs, da Igreja Católica), Centro Ecológico. Tudo isso sem esquecer as aulas do padre

Julio e da pesquisadora Lourdes Maria
Prado Duarte, a Rafinha.



"QUANDO A GENTE QUER ORGANIZAR
A BASE, A LUTA, PEGAMOS ALGO
MAIS CONCRETO."

"VINHAM MULHERES DE TODA A
REGIÃO, E FORAM PERCEBENDO QUE
O DESLOCAMENTO ERA RUIM, E VIRAM
QUE ERA BOM, ENTÃO COMEÇARAM
A ESTRUTURAR AS SUAS PRÓPRIAS
FARMACINHAS."

"ATRAVÉS DA PASTORAL RURAL,
JUNTAMENTE COM A LUTA DO MMTR,
CURSOS COM PADRE JULIO, E
ALIANDO O TRABALHO DAS PLANTAS
MEDICINAIS, MAIS BÍBLIA, LUTA
PELA TERRA, LUTA PELA PREVI-
DÊNCIA SOCIAL"

"HÁ ALGUM TEMPO A GENTE
FAZIA ENCONTROS DE CRIANÇAS
E ADOLESCENTES, QUE HOJE SÃO
JOVENS E PARTICIPAM. PRECISAMOS
RESGATAR ISSO. HAVIA O GRUPO
DAS BRUXINHAS, COM 10, 12
CRIANÇAS QUE PARTICIPAVAM,
MUITAS DELAS COMPÕEM O GRUPO
AGORA!"

Grupo Por Amor à Vida

comunidade de Boa União - município de Três Forquilhas

No final da década de 1980, as Missões Populares da Igreja Católica desafiaram as mulheres e homens da comunidade de Boa União a definir ações para defender a vida e o meio ambiente. A partir de então, os homens se propuseram a limpar os rios, e as mulheres, a trabalhar com plantas medicinais. Assim nasceu o grupo Por Amor à Vida.

Mas o início não foi nada fácil. Em suas próprias famílias e na comunidade, as integrantes encontravam resistência. Mesmo assim, fizeram cursos e promoveram espaços de formação sobre o papel da mulher na sociedade, o que contribuiu para valorizar e dar

visibilidade ao trabalho de cada uma em casa e na comunidade.

Embora a resistência tenha feito muitas desistirem no caminho, em alguns casos - graças ao envolvimento da família no processo -, ocorreu exatamente o contrário: sempre que ela pensava em desistir, a família convencia-a que permanecer era mais importante.

Porque é no trabalho da farmacinha que elas se encontram e se fortalecem. Nas reuniões, agora esporádicas, há troca de conhecimento entre as que sabem mais e as que ainda dão os primeiros passos. Os vínculos que aí se estabelecem são



tão fortes, que algumas, quando saem, retornam em busca dessa relação. Além da sororidade, a farmacinha também representa uma oportunidade de geração de renda e participação em outros espaços e movimentos. Algumas afirmam que jamais teriam essa disponibilidade se não fosse o trabalho na farmacinha.

Com esse conjunto de saberes, práticas e dinâmicas, alguns jovens - meninas e meninos -, acabam se aproximando, por iniciativa própria e pelo exemplo de suas mães. Por isso, quando apontam o mais importante na experiência, amizade e união vêm em primeiro lugar. Depois vêm o senso de organização, articulação e aprendizagem, especialmente sobre saúde preventiva e plantas medicinais da biodiversidade, heranças que poderão deixar para filhos e netos.



"A FARMACINHA E O MOVIMENTO
DE MULHERES SÃO A MINHA RAZÃO
DE VIVER."

"A GENTE JÁ TÊM NAS NOSSAS
RAÍZES O USO DAS PLANTAS
MEDICINAIS, E É IMPORTANTE
PRESERVAR ESSAS RAÍZES! "

"MAIOR AVANÇO É A NOSSA
FAMÍLIA PODER ESTAR USANDO
NOSSOS ELIXIRES!"



Grupo Flor do Campo

comunidade de Pixirica - município de Morrinhos do Sul

O grupo Filhas da Terra inspirou e contribuiu na organização de muitos grupos, entre eles o Grupo Flor do Campo. Fundado em 1996, o Sagrado Coração de Maria inicialmente foi organizado pela Cleris, com apoio da Igreja Católica local. Moradora que já participava de grupos de mulheres de outras comunidades, Cleris incentivou as integrantes do Clube de Mães da comunidade a participar de uma palestra da professora e pesquisadora de ervas medicinais Lourdes Maria Prado Duarte – a Rafinha.

Com o tempo e o conhecimento que foram cultivando, as mulheres

começaram a organizar o grupo. A primeira sede foi conquistada com recurso reunido pela comunidade numa festa religiosa. Neste local, onde as mulheres fizeram seus primeiros elixires, havia uma imagem do Sagrado Coração de Maria, que acabou dando nome ao grupo, mesmo depois de muitas mudanças.

A participação é motivada principalmente pela vontade de manter a tradição que muitas já tinham de curar suas famílias com plantas medicinais. Há também a possibilidade de participar de outros espaços e a conscientização sobre o papel da mulher na família e na



comunidade.

No entanto, o trabalho do grupo hoje enfrenta pelo menos duas dificuldades: incluir mais mulheres e encontrar ingredientes para os elixires.

A primeira se deve principalmente ao crescente esvaziamento do meio rural, onde as jovens que ficam estão envolvidas com outras funções. A segunda, ao uso de venenos que exterminam as plantas espontâneas portadoras de princípios curativos. Com isso, elas precisam ir cada vez mais longe para conseguir plantas que antes cresciam ao lado das casas. Os dois problemas, conforme os relatos, seriam menores entre as famílias que trabalham com Agroecologia, que tendem a permanecer no campo, com mulheres mais participativas.

Diante dessas limitações, as reuniões tornaram-se esporádicas, de forma a atender disponibilidade e capacidade de organização de cada uma. Isso, segundo as integrantes do Sagrado Coração de Maria, é uma pena, porque é nesse espaço que elas se encontram, se apoiam e conversam, o que facilita o autorreconhecimento, o empoderamento e a valorização de suas atribuições. Por isso entendem que a luta das mulheres passa pela construção de espaços como as farmacinhas, e que é muito importante envolver mais companheiras da comunidade nesse trabalho.

“TUDO O QUE A GENTE GOSTA,
O QUE A GENTE TEM VONTADE
E GOSTA, A GENTE VAI DAR UM
JEITO.”

“SE OUTRAS MULHERES
SE ENVOLVESSEM COM
ESSAS COISAS COMO AS
FARMACINHAS, SERIA
MUITO MELHOR. NÃO
TERIA TANTA DEPRESSÃO
E ESSAS DOENÇAS.”

“QUANTAS COISAS A GENTE TEM
QUE DIZER NÃO NA VIDA, MAS
ATÉ ENTÃO EU NUNCA TINHA
DITO NÃO PARA NADA.”



Grupo Boa Esperança

comunidade de Três Passos – município de Morrinhos do Sul

Em 1984 a farmacinha já começava a se estruturar, incentivada, em grande parte, pelo trabalho da Neli, agricultora que em cursos de formação percebeu a importância da mobilização das mulheres organizadas. Com esse propósito e com o apoio da Igreja Católica, ela chamou as mulheres da comunidade para formar uma farmacinha local.

Em mais de 30 anos, algumas saíram, outras entraram, e a mobilização continuou. O estímulo vem principalmente da grande demanda da comunidade, e também das filhas, filhos, netas e netos, que levam elixires para todos os lugares.

Entre as dificuldades, enumeram a necessidade de buscar ervas em lugares distantes e a falta de conhecimento das novas integrantes. Mesmo assim, o grupo Boa Esperança vai adiante, com mulheres que entendem a dimensão do seu papel frente à comunidade e suas famílias.

Entre as contribuições, destacam que farmacinha ajuda na qualidade de vida, que estão vivendo mais e melhor em função da convivência com as outras mulheres, do conhecimento sobre ervas e sobre alimentação saudável. Para compartilhar esses benefícios e dar seguimento ao que já construíram,



esperam conseguir adesão de outras mulheres.

Quem quiser conhecer a farmacinha e fazer parte do Boa Esperança, vai encontrá-las reunidas todas quintas-feiras, fazendo elixires e atendendo ao público, medindo a pressão de quem necessita - tarefa que aprenderam com uma enfermeira com quem trabalharam na comunidade.

“A GENTE APRENDE
MUITA COISA, A GENTE
DESENVOLVEU MUITA
COISA”



Grupo Estrela D'Alva

comunidade de Costão - Município de Morrinhos do Sul

A exemplo das companheiras de outros grupos do Litoral, as mulheres da comunidade de Costão, enfrentaram inúmeros obstáculos para formar o Estrela D'Alva. Mas nem a falta de experiência das novas integrantes, ou as dificuldades que o tempo e a idade lhes impõem, impedem a continuidade do trabalho semanal, fazendo elixires e atendendo à comunidade.

Porque é na farmacinha que elas encontram força, umas nas outras, para enfrentar questões do dia a dia, se reconhecer como mulheres fortes, persistentes, capazes de incidir no local onde vivem. É lá também que encontram

mais conhecimento, por meio de cursos, trocas, conversas. Muito mais que os elixires, o grande remédio que preparam juntas é o apoio fraterno, as conversas, desabaços, que valem muito mais que qualquer medicamento químico.

Conscientes que esse aprendizado é um patrimônio construído na prática colaborativa, esperam poder transmiti-lo às filhas e filhos. Por isso, pensam que seria muito interessante um maior engajamento das escolas, com mais participação, para que as crianças sintam-se motivadas a participar também.



“PARA NÓS, A MOTIVAÇÃO
VEM DO RECONHECIMENTO,
SEJA NO NOSSO PRÓPRIO,
DA NOSSA FAMÍLIA OU
DA COMUNIDADE, A QUAL
SEMPRE BUSCAMOS AJUDAR. É
TRABALHO DE CADA UMA DAR
CONTINUIDADE AO TRABALHO
DAS FARMACINHAS. É UMA
CONSTRUÇÃO DE TODAS”.

“ENFRENTAMOS RESISTÊNCIA
DE NOSSAS FAMÍLIAS, O
ENVELHECIMENTO DE NOSSOS
CORPOS, MAS SEGUIMOS FIRMES
NO TRABALHO DA CONSTRUÇÃO
DE UM MUNDO MELHOR PARA AS
MULHERES”.



Grupo Luz do Amanhecer

comunidade de Morro do Forno - município de Morrinhos do Sul

O convite de coordenadora do grupo de Três Passos para as mulheres da comunidade de Morro do Forno participarem de atividades de formação e conhecer as farmacinhas foi o ponto de partida para a fundação do Luz do Amanhecer. Ao ver o trabalho das companheiras, as agricultoras de Morro do Forno entenderam a importância da organização e do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC). Então, em 9 de setembro de 1999, fundaram o grupo da farmacinha.

Logo as pessoas menos esclarecidas, familiares e outros atores da comunidade, opuseram resistência. Mesmo entre

os representantes locais da igreja, a adesão e apoio ao trabalho das mulheres encontrou entraves que não foram comuns nas outras localidades.

No entanto seguiram, porque entenderam a importância do que faziam para a qualidade de vida delas, de suas famílias e da comunidade. Com o tempo, as famílias passaram a apoiar e a percebê-las com mais dignidade.

Na farmacinha, aprenderam a realizar tarefas de forma participativa, respeitando a individualidade e administrando as diferenças. Um exemplo: enquanto algumas participam menos de atividades



fora da comunidade para não ficar tempo longe de casa, outras veem nesse trabalho a oportunidade de estender a atuação para diferentes espaços e aproveitar oportunidades, como a Agroecologia. Por essa identificação com a Agricultura Ecológica, valorizam muito o apoio das entidades de assessoria técnica.

Para fazer valer o respeito mútuo, reúnem-se conforme a disponibilidade de cada uma e seguem motivando outras mulheres para se fortalecerem nos encontros, troca de ideias e experiências.

“ALIÁS, DIGNIDADE FOI ALGO QUE NOSSO TRABALHO NOS ENSINOU E NOS ENSINA TODOS OS DIAS”.

“É ESSA É A MAIOR RIQUEZA QUE TEMOS: PODER CONFIAR NA NOSSA COMPANHEIRA, COMPARTILHAR DE SEU SORRISO, ESTABELECEER RELAÇÕES DE AMIZADE E COLABORAÇÃO, ALÉM DE PRODUZIRMOS ELIXIRES DE MUITA QUALIDADE!”



Grupo Mãe Natureza

comunidade de Piratuba - município de Torres

Um dia de luta em 1986, pelos direitos da mulher camponesa, durante um encontro do Dia Internacional da Mulher, marcou o início das atividades do Mãe Natureza. A copa de uma árvore em frente à igreja católica de outra comunidade – Três Passos, em Morrinhos do Sul-, foi o teto das primeiras reuniões, porque não havia, nas comunidades, um salão onde as agricultoras pudessem se encontrar. Conforme os relatos, o apoio da Igreja Católica foi fundamental naquele momento, oportunizando a participação em cursos sobre plantas medicinais nos clubes de mães. Até que, a partir de 1997, a Pastoral Rural, por meio da coordenação do Movimento de

Mulheres Camponesas (então chamado Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, MMTR), passou a apoiar ainda mais as farmacinhas.

Graças a esse apoio, foi possível sistematizar o conhecimento de décadas de uso de ervas, chás, folhas e raízes nas famílias. Com a colaboração da pesquisadora de plantas medicinais Lourdes Maria Prado Duarte (Rafinha), o Movimento de Mulheres conseguiu visitar as famílias, resgatar e catalogar nomes e formas de utilização das plantas, o que contribuiu para o trabalho do Mãe Natureza e de outros grupos crescer ainda mais.



Nessa mesma época, a Diocese de Caxias do Sul vinculou sua agenda à luta das mulheres, com apoio às bandeiras de luta das trabalhadoras rurais: defesa do trabalho, aposentadoria, saúde, sindicalização, entre outras. Foi um período em que as integrantes das farmacinhas participaram de muitas reuniões, mobilizações, passeatas. Eram, por isso, frequentemente rejeitadas pelos homens em espaços importantes para a definição de suas próprias pautas. Mas não desistiram. Ainda hoje se organizam na farmacinha de forma a atender a comunidade e suas famílias, com a certeza de que muitos dos direitos conquistados são fruto de tudo que construíram.

“TEMOS UMA GRANDE SATISFAÇÃO POR SABER QUE FOI AQUI NA NOSSA COMUNIDADE QUE COMEÇOU A MOVIMENTAÇÃO DAS MULHERES PARA A CONSTITUIÇÃO DAS FARMACINHAS, EM IDOS ANOS 80. TODAS AS COMUNIDADES DO ENTORNO PARTICIPAVAM JUNTO CONOSCO, DESDE O RIO VERDE ATÉ O MORRO DO FORNO.”



Grupo Sonho de Margarida

comunidade de Raposa - município de Três Cachoeiras

O Sonho de Margarida começou em 14 de março de 1996, a partir de uma oficina com a Rafinha, sobre elixires e plantas medicinais, organizada pelo Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR, atualmente Movimento de Mulheres Camponesas –MMC). O primeiro encontro conseguiu reunir 35 mulheres.

Logo ganharam um espaço para trabalhar, numa casa de propriedade de Maria de Cândida, em 27 de abril de 1996. Depois, com o dinheiro que juntaram e o apoio da comunidade, construíram um espaço próprio para

a farmacinha.

O grupo contou, durante muito tempo, com um bruxinho, o senhor Antônio Behenck Fernandes, conhecido como Vô. Durante seus 98 anos, dedicou-se a ajudar na preservação dos conhecimentos e das plantas medicinais, ajudando as mulheres da farmacinha na coleta e seleção das plantas. Suas integrantes também acreditam que uma pessoa precisa receber uma certa quantidade de abraços por dia para manter a boa saúde. É por isso que, quando se reúnem, as bruxinhas sempre se abraçam.



Atualmente elas se organizam de acordo com a possibilidade de cada uma, sem regularidade, mas sempre pelo menos em duas na farmacinha, e procurando manter o hábito de colocar uma mulher que conhece mais sobre as ervas, com alguma que precisa aprender. Sabem que hoje em dia as jovens se dispõem menos a realizar as tarefas às quais se dedicaram tanto no passado. Muitas estudam, trabalham fora em empregos com horário marcado, e isso dificulta a participação. Mas sabem também o quanto o trabalho delas é importante e reconhecido pela comunidade. Por isso acreditam que as coisas acontecem e que, cedo ou tarde, alguém irá assumir o trabalho junto com as mulheres mais

experientes. E isso as impulsiona a seguir em frente, melhorando e acreditando sempre.



“ACREDITAMOS QUE O CONHECIMENTO
PRECISA SER COMPARTILHADO. POR ISSO,
O QUE NOS MOTIVA E MOTIVA OUTRAS
MULHERES A SE ENGAJAR NESSE TRABALHO,
É A VONTADE DE AJUDAR A COMUNIDADE
E TAMBÉM DE VER OUTRAS MULHERES
SE FORTALECENDO E SE EMPODERANDO,
CUIDANDO DE SUAS VIDAS DE FORMA MAIS
PLENA. “

“TEMOS NOSSAS DIFICULDADES: NOSSAS
INSTALAÇÕES PRECISAM DE MELHORIAS,
ALGUMAS DE NÓS, QUE COMEÇAMOS MAIS
TARDE, NÃO TEMOS O MESMO CONHECIMENTO
DAS ERVAS QUE AS NOSSAS ANTECESSORAS,
ENTRE OUTROS. MAS SABEMOS QUE É NESSE
ESPAÇO QUE NOS ENCONTRAMOS ENQUANTO
MULHERES, QUE NOS FORTALECEMOS, NOS
ORGANIZAMOS E MELHORAMOS NOSSA VIDA E
A VIDA DAS NOSSAS FAMÍLIAS. “



Grupo Nossa Senhora Aparecida **comunidade de Morro do Chapéu - município de Três Forquilhas**

A história do Nossa Senhora Aparecida começou pela cura de uma das mulheres da comunidade. A doença grave, vencida com o uso dos elixires, transformou a companheira numa das maiores guardiãs dos conhecimentos tradicionais e foi determinante para a fundação oficial do grupo, em 11 de novembro de 1998, com mais de 30 mulheres.

De lá para cá, o Nossa Senhora Aparecida continua prestando um importante serviço de saúde, tanto para a comunidade do Morro do Chapéu, quanto para comunidades e municípios próximos, que buscam os elixires. Com orgulho, contam que,

pelas mãos de uma irmã da Igreja Católica, os produtos foram até para Roma.

Atualmente o trabalho está mais difícil pela contaminação das ervas por agrotóxicos. Os mesmos que contaminam o ar que elas e suas famílias respiram, todos os dias. Mas nem essa dificuldade é capaz desmotivá-las ou intimidar a participação, ainda que disruptiva, de novas mulheres. Ao contrário: as jovens da comunidade estão sempre dispostas a ajudar e isso as anima muito.



“ACREDITAMOS, TEMOS FÉ EM NOSSOS
ELIXIRES E SABEMOS QUE NOSSO TRABALHO
AJUDOU E SEGUE AJUDANDO A NOSSA
COMUNIDADE, QUE É DISTANTE DAS
OUTRAS COMUNIDADES E DA CIDADE, O
QUE DIFICULTA O ACESSO À ATENDIMENTO
MÉDICO”.



Grupo As Margaridas de São Brás comunidade de São Brás - município de Torres

Antes da primeira reunião, com 15 mulheres em 14 de novembro de 1996, as Margaridas São Brás fizeram vários cursos sobre saúde e valorização das mulheres, conheceram outros grupos e também a *Rafinha, tudo por meio do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR, atual Movimento de Mulheres Camponesas – MMC) e a convite da companheira Irene. Hoje, elas são cinco mulheres que reúnem uma vez por mês pelo MMC e atendem na sede que a capela local ajudou a construir uma vez por semana.

É nessa farmacinha que Elone, Antonina, Salete, Dete e Irene,

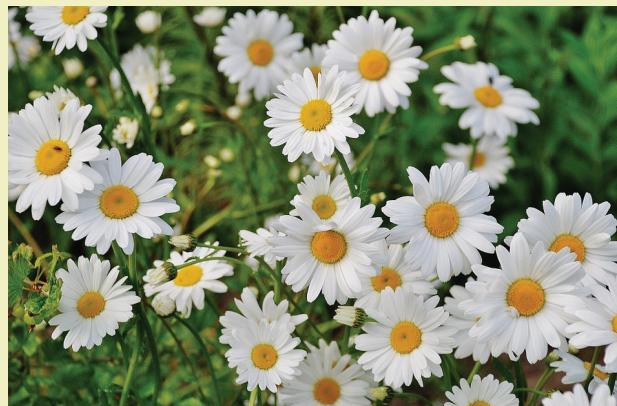
orientam sobre o uso de elixires pomadas, xaropes feitos por elas mesmas. As pessoas contribuem voluntariamente. Da escola que fica em frente, recebem visitas das professoras e estudantes. Às vezes são convidadas a ir na escola falar sobre o MMC e o trabalho com plantas medicinais.



“DONA MARTINHA, SOLETE, FORAM
ALGUMAS DAS QUE NOS AJUDARAM A
COMEÇAR NOSSAS REUNIÕES E NOSSO
TRABALHO.”

“NOSSO TRABALHO NOS
PROPORCIONOU MUITAS
EXPERIÊNCIAS BOAS: VIAGENS
QUE FIZEMOS COM O MOVIMENTO
NO PARANÁ, PASSO FUNDO, ETC.
CURSO NA CASA COM RAFA, CENTRO
ECOLÓGICO, ETC. ”

“SEM DÚVIDA, TRABALHAR NA
FARMACINHA É UMA ETAPA DE
NOSSAS VIDAS QUE NUNCA VAMOS
ESQUECER E QUE NOS MARCOU
MUITO.”



Grupo Violeta

comunidade de Roça da Estância - município de Mampituba

O Violeta é o resultado da soma de vários movimentos, personalidades e lutas. As reuniões começaram em 1994, com o incentivo da professora e pioneira ecologista Reinalda Fritzen. Era um grupo bem grande, que já vinha desde o clube de mães da comunidade, atuante desde 1979. No Violeta, conheceram outras agricultoras, de outros grupos, e ainda, a Rafinha.

Fizeram o curso de formação das bruxinhas - grupo organizado com apoio do frei Homero, da Igreja Católica, que sempre as apoiou muito. Frei Homero foi quem organizou o livro base utilizado

até hoje no desenvolvimento dos elixires. Esse é um dos fatores que motiva o grupo atualmente com seis participantes a continuar se reunindo todas as quartas -feiras. A memória de todos que usaram elixires, pomadas, tinturas e melhoraram por conta disso, é outro estímulo para continuar, assim como a escola local, que as chama para falar do trabalho e da farmacinha. Acreditam que, mesmo com pouca participação, as dificuldades podem ser resolvidas por meio da união com clube de mães e outros espaços onde houver mulheres atuando.



“GENTE, EU APRENDI MUITO. EU ERA APAGADA, TÍMIDA. A GENTE APRENDE A SE LIBERTAR SOBRE COISAS DA VIDA, NA FAMÍLIA, NA CRIAÇÃO DOS MEUS FILHOS.”

“ESSE GRUPO DE MULHERES FEZ UMA ROÇA DE FEIJÃO QUE ERA PARA JUNTAR FUNDOS PARA LEVAR UMA CRIANÇA PARA FAZER TRATAMENTO DE SAÚDE EM PORTO ALEGRE. OU SEJA: O CUIDADO COM O PRÓXIMO SEMPRE DEZ PARTE DE QUEM SOMOS, ASSIM COMO SABEMOS QUE NOSSAS COMPANHEIRAS, DAS OUTRAS FARMACINHAS TAMBÉM TÊM NESSE CUIDADO, SUA RAZÃO DE SER.”

“ENTENDEMOS, QUE O QUE FAZÍAMOS, DESDE SEMPRE, NAS NOSSAS FORMAÇÕES, ERA FEMINISMO, MESMO QUE AINDA NÃO SE USASSE ESSA PALAVRA. “



EXPEDIENTE



Sistematização: Carla Dornelles
Revisão: Míriam Sperb
Arte: Carol Salles
Supervisão: Ana Luiza Meirelles

Centro Ecológico – Primavera 2017

